

Um ano difícil. Mas de mais emprego.

Por Luís Eulálio de Bueno Vidigal; presidente da Fiesp.

Ninguém ignora as dificuldades enfrentadas pela economia brasileira este ano. E é natural que, praticamente encerrado o exercício de 1981, se procure prever seu comportamento para o ano seguinte. Creio, porém, que qualquer previsão não se pode limitar a 1982: há indícios claros de que a atual situação deverá prolongar-se por mais dois ou três anos, até a retomada do crescimento. Antes disso, dificilmente será possível atingir os objetivos de conter a inflação e controlar o desequilíbrio do balanço de pagamentos, base da atual política econômica.

Há, no entanto, algumas observações que devem ser feitas sobre essa tendência e sobre a estratégia a ser adotada nesse período, especialmente no que se refere ao setor industrial.

Não se pode negar que este ano a política econômica do governo obteve alguns êxitos, embora ainda insuficientes. E parece-me claro que, apesar de ter provocado uma considerável retração na produção industrial, essa política será capaz de produzir um impulso positivo para o próximo exercício e os seguintes.

É praticamente certo que fecharmos o ano com uma taxa de inflação abaixo dos famigerados "três dígitos", o que representa uma redução de 20 por cento com relação ao ponto mais alto atingido pela curva de preços nos últimos tempos. A balança comercial, por sua vez, deverá apresentar um superávit entre 700 milhões e 1 bilhão de dólares, o que alivia consideravelmente o balanço de pagamentos, depois de déficits negativos, nos últimos anos, da ordem de 3 bilhões de dólares.



Esses resultados são um primeiro passo no sentido do equilíbrio das nossas contas internas e externas. Mas, sem dúvida, eles representam um passo muito importante. É provável que essa tendência se mantenha em 1982, o que poderá levar a um certo equilíbrio — ou quase isso — talvez já em 1983, e mais provavelmente em 1984. E essa situação poderá criar condições extremamente favoráveis para a retomada de um crescimento a taxas elevadas, e sem o risco de novos períodos de recessão, como o que vivemos no momento.

Não se pode esquecer, porém, que, no que se refere ao setor industrial, a atual recessão foi muito além do que seria desejável. 1981 deverá ficar registrado como o pior ano para a indústria brasileira nas últimas quatro décadas. E, lamentavelmente,

não se pode afastar a possibilidade de que esse triste registro histórico seja aplicado também ao conjunto da economia. Essa constatação me leva a considerar se não foi alto demais o preço pago para superarmos as dificuldades de adaptação de nossa economia ao chamado segundo choque do petróleo e às altas taxas de juros do mercado internacional.

Para o próximo ano, as perspectivas da indústria — especialmente a de São Paulo — não são melhores. O atual nível de atividade industrial tende a manter-se para o setor como um todo, com recuperações ocasionais em alguns ramos. 1982, portanto, no meu modo de ver, será tão difícil para o setor industrial quanto 1981. A única vantagem é que 1982 será um ano mais ordenado, já que este ano enfrentamos uma série de medidas casuísticas, não previstas, que — tenho certeza — não deverão repetir-se.

Assim, acredito que 1982 dependerá basicamente da capacidade do governo e da iniciativa privada de administrarem adequadamente a atual recessão. Desde que se tenha uma clara visão da estratégia a seguir, o próximo ano poderá até mesmo apresentar um resultado melhor, em termos de comportamento do nível de emprego e do produto industrial, embora longe de atingir níveis comparáveis aos de 1980. E, para isso, torna-se necessário que os rumos da política econômica sejam traçados com a participação do empresariado industrial. De modo que o processo de tomada de decisões leve em conta a difícil situação de um setor fundamental para o desenvolvimento econômico e social do País.